

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

RETIREM-SE OS REPINTES QUE PREJUDICAM A SUA VERDADEIRA INTERPRETAÇÃO

— HÁ DOIS PORMENORES ESSENCIAIS A ESCLARECER

por JOSÉ DE BRAGANÇA

O melindroso problema do restauro dos Painéis, apenas aflorado no último artigo, bem merece ser considerado mais detidamente, ao menos em alguns pormenores essenciais.

Só assim poderemos concretizar as razões por que urge limpar essa obra-prima de alguns repintes que obstam à sua verdadeira interpretação.

É que a identificação do seu verdadeiro autor anda estreitamente ligada ao significado da obra, ao seu destino e à data da sua factura — e essa última relação não poderá estabelecer-se cabalmente, enquanto a pintura se não revelar tal qual é, restituída à sua pureza primitiva, «em certas partes da obra que estão desfiguradas por repintes», como concluiu a comissão de peritos da I. C. O. M.

Isso mesmo venho eu pregando há muito, neste país de surdos que não querem ouvir e de cegos que não querem ver — que não querem ver ou que não podem, pois bem reconheço que os há das duas espécies.

Já lá vão nove longos anos que essa comissão de peritos da organização internacional

em que indicava os erros cometidos na chamada reinterpretação dos Painéis, enume-

EXPLICA-SE A DUPLA FIGURAÇÃO DO INFANTE SANTO NOS PAINÉIS: COMO HERÓI DA IGREJA MILITANTE, NUM DELES, E COMO SANTO DA IGREJA TRIUNFANTE NO OUTRO

nal da Unesco veio até nós e se pronunciou deste modo discreto, mas preciso, depois de atento exame às tábuas do Políptico.

Inquietou-me essa visita, porque há muito considero — e assim o escrevi um dia a um ministro da Educação — que a «roupa suja» se deve lavar portas adentro. Confessei o meu alarme ao director do Museu, que, serenamente me respondeu então:

— Mande uma comunicação à V Reunião Internacional do Restauro.

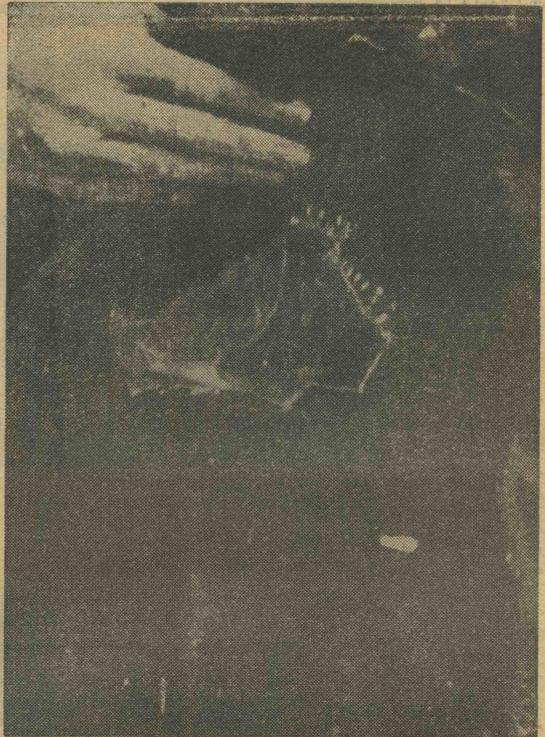
Coerente com a atitude que assumi no Congresso de História de Arte de 1949, redigi em francês uma breve exposição, sob o título: *Les Avatars d'un chef-d'oeuvre*,

rando os repintes mais indiscretos

Não todos, evidentemente.

Mas os suficientes para que esses ilustres estrangeiros sentissem que não desembarcavam numa Beocia

(Continua na 5.ª pág.)



Pormenor de a reliquia num dos Painéis

DA NATUREZA PSICOLÓGICA DE MANUEL LARANJEIRA

Por JOEL SERRÃO

A LÉM de tudo o mais, a natureza psicológica de Laranjeira propendia a intercadências de entusiasmo e de abatimento, de euforia sentimental-romântica e de depressão antedida. Ora, em tal espírito ansioso e instável processava-se (dir-se-ia que *naturalmente*) um conflito de oscilação pendular entre, por um lado, a razão e aquilo que se lhe afigurava a verdade, e, por outro, o sentimento e a fé. Unamuno, que o conheceu e, evidentemente, admirou, viu bem, ao julgá-lo assim: «Foi um grande, um mau grande pensador, pero fué acaso un sentidor más grande aún».

Que Laranjeira tenha, efectivamente, sido um mau grande pensador, eis, aí, juízo que se nos afigura de contestação fácil. Sem dúvida alguma, homem cultivado e inquieto, não se revelou, todavia, com pendor propriamente especulativo, e os conflitos doutrinários da sua natureza psíquica ensemesmada vêm à superfície da sua ideologia em naturais contradições. Sentidor, isso sim, foi ele na mais lata acepção do termo: natureza romântica, de ímpetos ideativos apaixonados, e de quejas desoladas em si mesmo, não logrou superar, a não ser intermitente e episódicamente, o amilano gosto, — ou necessidade imperiosa, sabe-se lá! —, de fazer de si mesmo o enternecido e orgulhoso objecto da sua mais funda atenção. Mas, por desgraça sua e nossa, faltaram-lhe os dons de expressão poética que poderiam ter feito do *Comigo* um respeitável precursor do poesia de José Régio, quando, no fim de contas, o é só por certa temática que, germinalmente, lhes é comum.

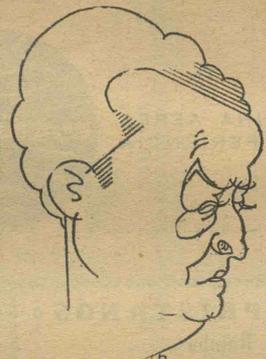
É de todos os tempos e de todos os lugares o conflito latente ou aberto entre a razão e a fé. Todavia não é menos certo que em dadas conjunturas históricas e, especialmente, em dados indivíduos predispostos, o entrocchoque, exacerbando-se, faz pender, perigosamente, um dos pratos da balança. Ora, em cada indivíduo, considerado por si, mas situado no devir temporal-histórico (sem o qual consideraremos tão-só uma abstracção), chocam-se e entrocchoam-se as vicissitudes próprias do devir pessoal, sempre singular, mas em interacção com os valores civilizacionais, — familiares,

regionais, nacionais, internacionais — que todo ser respira como o ar e, em função dos quais, acaba por estabelecer o seu ramo mais ou menos próprio.

Ora, de Laranjeira, assim como de muitos de seus pares, poderá trazar-se, nas suas linhas gerais, este esquema evolutivo típico dos intelectuais portu-

gueses de origem burguesa e, especialmente, pequeno-burguesa. Na infância beberam, com o leite materno, um catolicismo rude, único compatível com a incultura das progenitoras ou das catequistas; chegada a idade de descobrimento dos caminhos próprios, sintom, necessariamente, em conflito com a tal canção do meio em que foram gerados; e, se chegam à Universidade, e a inteligência os favorece, projectam no meio nacional, e com razão, os seus ressentimentos, concebendo, simultaneamente, o projecto de transformar tal quadro social e cultural em que terão de vir a actuar. Todavia, quando chega o momento de o ex-universitário pôr, enfim, em equação as suas veleidades de transformação do meio nacional com esse mesmo meio, o choque com as realidades é sempre, brutalmente, decepcionante: «Não poder tallar a vida ao nosso ideal», como verifica Laranjeira —, eis o mal do século, o caner do tempo. E, então, de duas uma: ou a adaptação, com maior ou menor dificuldade, acaba por fazer-se mas com o sacrifício daquilo que, confessada ou veladamente, passa a considerar-se as alições da moedade; ou as tais denominadas ilusões são, em alguns, tão arraigadas e coerentes, que se torna inviável qualquer acomodação. E, neste caso ainda, ou o indivíduo sobra quer na neurose de frustração, quer na crise mística, ou, num último esforço para manter-se coerente, e digno da generosidade da sua mesma e passada juventude, submete, o que, aliás,

(Continua na 10.ª pág.)



Ramada Curta (Desenho de Roberto Nobre)

TEMAS DE CINEMA

RAMADA CURTO

De ROBERTO NOBRE

POR uma singular, mesmo estranha coincidência, a crónica que se segue foi escrita, exactamente, na noite em que *Ramada Curta* deixava tomar, de súbito, o belo archote, rutilante e vermelho que, numa denodada galhardia, empunhara, durante mais de setenta anos, através da Arte e do Foto, Remexeramos nuns papéis antigos e encontramos uns recortes que se tornam inícuos qualquer respeito. A ideia de rabisear com elas uma ligeira crónica, acendira-nos, e pusemo-nos a escrevê-la. Dramaticamente, soubemos no dia seguinte que, enquanto o fizemos, ele deixara de existir. Coincidência absurda. Supunhamos ir fazê-lo sorrir ao ler-nos, ignorando que, nesse momento, já estavam escrevendo «in memoriam».

Aí vai. Apenas lhe fizemos alguns cortes que agora seriam fora de propósito.

A contingência humana torna raro e difícil que amem o cinema os homens de teatro. A inversa também é verdadeira. Se alguns, como Eisenstein ou Visconti, se têm entusiasmado com fazer belas encenações nos palcos, alternando-as com os seus célebres filmes, outros, transfugas do tablado, passaram a desdenhar deste, como Pabst, que disse ter abandonado gambiarras e repregos por serem já velharias obsoletas. — «Andamos nós ainda de fiacre?»

Os homens de teatro, mesmo os adúlados pelo cinema, como foi Jouvet, costumam referir-se à arte dos filmes como Mafoma ao presunto e aos enchidos.

(Continua na 10.ª pág.)

RETRATOU-SE O NEONAZI QUE ACUSARA DE MISTIFICAÇÃO O «DIÁRIO DE ANNE FRANK»



O neonazi Lothar Stielau, professor no liceu de Luebeck (Alemanha Ocidental), retratou-se, perante o tribunal, das suas afirmações feitas em 10 de Outubro de 1958 no jornal académico de Luebeck, de que o «Diário de Anne Frank era uma mistificação. Stielau escreveu: «Os diários falsificados de Eva Braun e da Rainha de Inglaterra e o diário um pouco mais verdadeiro de Anne Frank renderam alguns milhões aos que se aproveitaram com a derrota da Alemanha, mas, pelo menos, tiveram o condão de sensibilizar-nos».

O pai da jovem judia assassinada pelos alemães no campo de concentração de Bergen-Belsen declarou-se satisfeito com as explicações do professor nazí e retirou a queixa.

QUINTA-FEIRA à tarde

N.º 250

DIÁRIO POPULAR * DIÁRIO POPULAR * DIÁRIO POPULAR

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

(Continuação da 1.ª pág.)

possuidora de inestimáveis tesouros mal tratados, a contento de todos, para evitar, até onde estivesse nas minhas forças, que eles nos julgassem, segundo a veemente expressão de Ramalho Orti-

pontos, pelo menos, deste assunto candente, sempre a arder sob as cinzas de um imobilismo que nos envergonha aos olhos perspicazes dos meios cultos da Europa.

Dois pormenores, aparentemente mesquinhos, mas es-

atributo identificado por Cattaui, em que José de Figueiredo pretendia que vissemos uma palma sem folhas (!), no que foi autorizado por um lente de Botânica. Há lentes para tudo, neste santo país.

O molho de cordas, que nesse outro painel está aos pés da figura principal, não é suficientemente claro tal como o vemos hoje, como atributo de santidade.

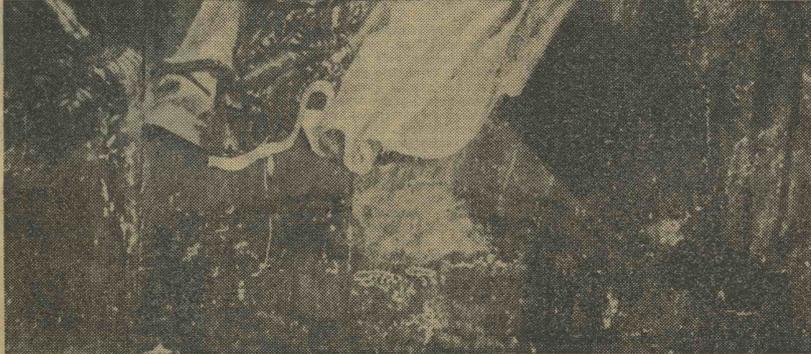
Mas, nas fotografias feitas antes do restauro de Luciano Freire, o molho de cordas apresenta uma zona, de toda a evidência esfregada com certa violência, para apagar qualquer coisa de mais expressivo —, demasiadamente expressiva para os zelosos observantes das determinações do concílio trentino.

Ali devia estar talvez uma cartela, qualquer coisa, em suma, em que se visse ou lesse claramente uma indicação precisa, talvez o nome da venerável figura — hipótese que se me antolha razoável para explicar a destruição antiga dessa zona da pintura, exactamente aquela em que muitas pinturas espa-

truída não é, como outras, resultado da ruína da massa cromática. São evidentes os vestígios de violentos esfregamentos, segundo o movimento natural de uma mão direita, aplicando com vigor um dissolvente energético.

Demais, a sombra desse molho de cordas, projectada à esquerda, não corresponde ao seu volume, nem à sua forma, tal como a deixou o restauro — que preencheu a zona falha de cor prolongando as cordas, sem considerar o evidente contra-senso da sombra inadmissível.

Que o autor do Políptico era atento ao jogo das sombras e o realizava com perfeito conhecimento, prova-o a exacta interpretação que deu, nos ladrilhos, à sombra da lança de armas, logo à esquerda da do molho de cordas. — Parece uma ilus-



Antes dos repintes

gão: «um país de refugio diante dos povos cultos» — como ele verberava a «criminosa indiferença» a que se votava uma grande parte da nossa pintura antiga, no seu tempo, como ainda hoje.

Essa sucinta exposição, datada do primeiro dia da V Reunião do Restauro, só chegou às mãos do director do Museu após a última sessão. Em nada contribuiu, portanto, para a atitude da I. C. O. M. — eles viram pelos seus próprios olhos e... concluíram.

Alguns dias depois, dizia-me um dos membros da V Reunião do Restauro:

— O Museu está agora autorizado a limpar o Políptico.

Passaram anos, sem que se desse começo à necessária operação.

Um dia encontrando-me em Madrid com outro categorizado membro da I. C. O. M., falamos discretamente do nosso Políptico. Dei-lhe conta de que encontrara um documento inédito, referente ao seu autor e disse-lhe, em resposta a pergunta sua, que nada mais se fizera em Lisboa, desde a V Reunião do Restauro.

O meu ilustre interlocutor ergueu as mãos à cabeça, meneando-a num balancear de reprovação e carregando o sobrolho quedou-se mudo um bom momento.

Não houve qualquer comentário sobre o caso — nem é possível ser mais discreto.

O QUE HÁ A FAZER, ANTES DE MAIS, NO DEMONSTRADO TRATAMENTO DAS SEIS TÁBUAS DO POLÍPTICO

Entre nós, porém, parece-me que vai sendo tempo de esclarecer útilmente alguns

senciais, neste caso, como sempre que se estuda uma pintura deste género: os atributos que possam caracterizar e definir a figura central, aureolada como um santo; e, por isso mesmo, também a relíquia, exibida, em primeiro plano, por uma figura ajoalhada, no último painel da direita.

No painel maior da esquerda, o texto do Evangelho de S. João lê-se claramente: «O Pai é maior que eu, eu obedeço ao Pai e cumpro a sua vontade», cuja transparente significação, ali, interpretei assim: Meu pai conquistou Ceuta para a Cristandade e eu, obedecendo à sua vontade, não quero que Ceuta se perca por mim.

Esta atitude, que lhe foi atribuída após a sua morte, constituiu um dos principais argumentos invocados ao tentar-se a beatificação do Infante D. Fernando, a quem o povo logo chamou Santo, embora Roma nunca o reconhecesse como tal. Veneração e culto teve-os sem dúvida alguma, e não só em Portugal.

Esta interpretação do Evangelhário, que ostenta aberto no passo referido, serve para o acreditar como herói da Igreja Militante.

Até que o Concílio de Trento e a dominação filipina mandaram apagar dos altares todos os santos locais não canonizados pelo Sacro Colégio dos Cardeais.

Ocorre naturalmente admitir que o outro grande painel em que a mesma figura se repete, numa expressão de sorriso beatífico, o represente já como herói da Igreja Triunfante. Ali empunha um atributo da sua ordem de S. Bento (a cavalaria de Avis era desta Regra)

Na Igreja dos Espanhóis, em Florença, existe ainda uma grande composição pic-



Depois dos repintes

tórica onde figuram, lado a lado, a Igreja Militante e a Igreja Triunfante.

nholas ostentam uma cartela explícita...

A mancha da zona des-

tração didáctica a um tratado de sombras.

Que há pois a fazer?

Levantar cuidadosamente a camada de tinta com que Luciano Freire preencheu essa lacuna e procurar, com o auxílio dos raios X, dos raios ultravioletas e infravermelhos, descobrir qualquer leve vestígio que ainda subsista na primitiva camada destruída, talvez não tão completamente que os modernos processos de laboratório não consigam ver ainda qualquer indicação conclusiva.

★

O outro pormenor a tratar análogamente é o da relíquia, apresentada na mão esquerda da personagem de vermelho, no painel extremo da direita.

José de Figueiredo queria que fosse um osso de S. Vicente da Sé — o que se provou impossível. Na Sé, guardava-se todo o cadáver do Santo; menos um osso da cabeça. Também não lhe faltou o testemunho ex-cátedra

(Conclui na 9.ª pág.)

LABORATÓRIO CHR. HANSEN COPENHAGUE



Coalho em pó Hansen

Elevado poder coagulante
Pureza bacteriológica
Superior rendimento

CORANTES PARA MANTEIGA
CORANTES PARA QUEIJO
CORANTES PARA GELADOS
FERMENTO LÁCTICO
COALHO LÍQUIDO
CERA PARA QUEIJO

João Machado da Conceição & C.ª Lda.
Rua de Conceição, 75-1.ª. Telef. 272 46. 36 21 28
Lisboa

DE DANTE A FOSCOLO

INFLUÊNCIA DA LITERATURA NO RESSURGIMENTO ITALIANO

DESDE os mais recuados séculos que os Poetas assumiram na Itália a função de Pioneiros do movimento pátrio. Já em Dante, que Mazzini classificou de epói da Nação no seu notável estudo «Dell' amor patrio di Dante», o problema da Unificação da Itália era abordado e proposto, ainda que sacrificando a autonomia política. No ambiente corrupto da sua época, era um estrangeiro, Henrique VII, do Luxemburgo, que Dante divisava as necessárias qualidades para encabeçar o movimento unificador. A tentativa, ao passar às armas, falhou, e não houve oportunidade de renová-la, pela própria morte do imperador. (Séculos depois seria ainda um estrangeiro — Napoleão — a forçar a primeira unidade efectiva da Itália).

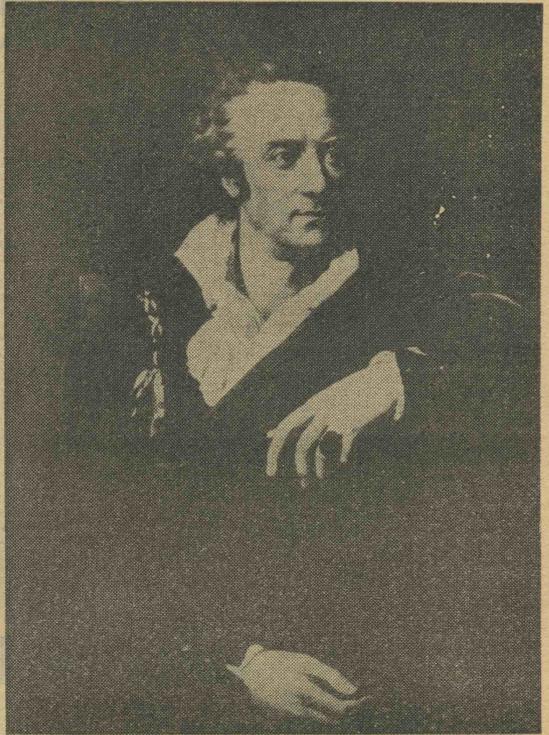
De ROSÁLIA BRAAMCAMP

se encontram apenas na sua robusta e viril expressão poética, na perfeita estrutura e na sublime transcendência das suas eloquentes tragédias, ou no seu ardor patriótico. A sua maior grandeza assenta na sua indomável combatividade, na fúria heroica com que desafia ameaças e perigos, no seu ódio latente contra todas as formas de tirania, descoberta ou velada, e na exemplar, virtuosa coerência dos seus ideais políticos, que nunca atraiçoa nem sufocou. Varreu uma literatura de lisonja, apontando como um crime a lírica ociosa e académica. Ele, primeiro que ninguém, traçou a verdadeira missão do Poeta, impondo do mesmo modo ao Povo o problema da dignidade pessoal e individual.

os inimigos externos no país assim feito, porque o tirano oprime mais do que faria o inimigo. A passagem da tirania à liberdade só pode fazer-se através de uma crise revolucionária. Alfieri optava pelo «quanto pior, melhor» e entendia que todo o cidadão virtuoso deve desejar esse excesso, porque só à custa de muito pranto e de multíssimo sangue (e jamais de outra forma) passam os povos da servidão à liberdade, mais que da liberdade à servidão.

«Sob o governo absoluto de um só tudo tem de ser indispensavelmente desregado e vicioso. O amor de si próprio, na tirania, não é já o amor dos próprios direitos, nem da própria glória, nem da própria honra, mas é simplesmente o amor da vida animal». «Os princípios fizeram e fazem muito pior do que os santos e os padres. Orem em Deus ajuda e não prejudica, crer num príncipe prejudica os povos e os indivíduos».

«Era republicano, o grande Alfieri. E pertencia à nobreza do Piemonte... Para acabar com a sua condicção de súbdito de um trono, cedeu os bens à irmã, guardando apenas uma pensão, e transpôs fronteiras até à Alsácia, com a florentina Luisa Stolberg, condessa de Albany, que havia de acolher mais tarde no seu seio a inquietação de outro grande Poeta e patriota: Foscolo. (Seria a Stolberg a encarregar o célebre Canova de erigir o belo monumento a Alfieri na igreja de Santa Cruz, em Florença).



Vittorio Alfieri no pincel de Saverio Fabre (Galeria Uffizi, de Florença)

Petrarca foi mais moderno. Querida Roma restituída à sua gloriosa herança republicana e rejeitava o programa imperial de Dante. Petrarca uniu-se mesmo ao grande sonho humanístico do célebre tribuno Cola di Rienzo e ia dar-lhe o contributo da sua colaboração quando, já a caminho de Roma, (corria o ano de 1347) o deteve a notícia da lamentável morte do grande romano.

O culto humanístico de Petrarca está bem saliente nas obras «De viris illustribus» — biografia de ilustres varões romanos, desde Rómulo a César, nas narrativas históricas do «Rerum monumantum», nas «Eglogas do «Eucolicum carmen» e, mais vincadamente, no poema «Africa», que celebra as glórias de Roma.

«Não contaminar-se no contacto de qualquer espécie com o tirano, eis o primeiro preceito» — escrevia. «Viver longe, não só dele, mas dos seus sequeles, e até do solo e do ar que respira». Pugnava, assim, por uma absoluta abstenção da vida política. Abstenção que não era, de forma alguma, uma falta para com a Pátria. Não há pátria onde não há liberdade e segurança.

«Viva patria, dove sol Uno vuole, e l'obbediscono tutti? clamava na tragédia «Virginia», em que exaltava a plebe romana contra os patrícos corruptos e opressores: — Há pátria, onde só um quer, e todos obedecem? — «E nem sequer é honroso defender mesmo contra

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

(Conclusão da 5.ª pag.)

de um lente de Anatomia, que certificou ser um osso, sem poder dizer qual!

Ora como o lente só podia pronunciar-se pela forma aparente — e essa não corresponde a nenhum osso humano —, não sabemos porque artes chegou a tal certeza.

A configuração dessa relíquia, aqui reproduzida, mostra, na face anterior, um contorno anguloso que parece cortado à faca, em tecidos moles e nunca um rebordo ósseo.

As fotografias de antes do restauro diferem um tanto do aspecto actual. E a radiografia do pormenor apresenta 7 pontos, de cima abaixo, no centro da relíquia, ao longo de uma linha quase vertical, que o restauro cobriu em parte.

Olhando a contra-luz a superfície da pintura, é visível uma camada recente, de cor mais escura, que modifica o aspecto quase insensivelmente, mas o suficiente para obscurecer a primitiva expressão da relíquia. Na parte

inferior, são visíveis pequenas pinceladas paralelas, que sugerem a configuração anelar da traqueia, pouco definidas como deviam ser as de uma relíquia ressequida que, como o coração e as vísceras do Infante Santo (conservadas em sal durante 8 anos numa panela enterrada) se apresentassem mirradas aos olhos do pintor.

Não estará ali representado o coração (com aderências da traqueia) como sugeriu já o sr dr. José Saraiva e como, sem excessos de imaginação, parece admissível, examinando bem as fotografias de antes da reintegração?

Pouco custa fazer uma sondagem cautelosa, com o habitual reagente que em nada prejudicará a primitiva camada, mas que dissolverá os desnecessários retoques.



Bem sei que será demorado e lento o trabalho de limpeza e restituição das seis tábuas à sua pristina feição. Há uma rede, acrescentada à pintura, que ofusca a sua alta qualidade — foi acrescentada por um antigo borrador.

Há várias cabeças, rejuvenescidas umas, avelhantadas outras, para servir a interpretação falocosa que não pode subsistir. Tudo isso se poderá rever, a pouco e pouco.

O que urge, antes de tudo, é desembaraçar os atributos citados, — a corda e a relíquia — da intervenção recente, que obscurece o verdadeiro significado da portentosa composição.

JOSÉ DE BRAGANÇA
RESPOSTA AO SR. DR. ANTÓNIO M. GONÇALVES, DIRECTOR DO MUSEU DE AVEIRO

Lá, no «Litoral», cujo envio agradeço, sua longa prosa furbunda retraceando à minha apreciação ao seu trabalho editado pelos «Amigos do Museu de Arte Antiga».

Rei também essas páginas, mais repousadamente, alumiado pela sua indignação juvenil, que compreendo e desculpo. E rectifico o meu juízo primeiro: há na sua atitude crítica (ou acética) talvez menos candura do que parcialismo consciente, pois a sua réplica, resuscitando os manes avelhados de Homem Cristo, não é isenta de malícia, a que prefiro não replicar por não perder de vista o que verdadeiramente interessa; o assunto, não as pessoas.

Supu-lo melhor informado, durante a sua permanência no Museu de Lisboa, sobre a minha atitude. Vejo que me assaca o não ter ainda publicado o livro há muito prometido.

Ora o livro, pronto desde Fevereiro de 1932, devia ser apresentado como tese de doutoramento de Universidade à Sorbonne. Confiei-o ao prof. David Lopes, que o viu, por encargo da Junta de Educação Nacional. Se o parecer do ilustre historiador não levou sumigo — como algumas outras peças do meu processo — deve existir ainda no arquivo do Instituto de Alta Cultura. Uma cópia completa, à máquina, jaz desde então numa livraria de Paris, cujo director repetidamente tem insistido para que eu lhe autorize a publicação.

Por essa altura, porém, chegou ao meu conhecimento um facto novo, que reputo muito grave, a ponto de me decidir a não apresentar logo a tese. Talvez a leitura atenta do artigo supra lhe abra perspectivas esclarecedoras: «roupa suja» que poderia emporcalhar qualquer alheio ao caso.

O dr. Gonçalves é também menos justo ao imaginar que eu me aplico a «desfazer a memória» de mortos. Combati-os em vida, público e raso, desde 1926, em artigos, numa conferência e onde mais me foi possível. Lembro-lhe uma nota à minha edição da «Crónica da Guiné», de 1937. A sua ignorância ou esquecimento destes factos não me indispe consigo, que continuo a considerar uma pessoa séria.

O seu trabalho, tendente a exaltar a memória de dois homens cuja obra, neste caso dos Painéis, terá de ser julgada severamente — distinguo, como sempre, a obra dos homens — a pag. 52 (entre outras) diz textualmente «...o Político de S. Vicente devido a Nuno Gonçalves...» sem qualquer restrição de dúvida.

Ora na sua agitada diatribe, o dr. Gonçalves teve o controle necessário para não mais repetir tal atribuição nem aquela interpretação.

Isso me basta para o felicitar, sinceramente, ex-corde.

J. de B.

E lungi da feroce licenza e in un dia servitude abbiatta ne vai per la dietta strada di libertà.

O grande Precursor seria, no entanto, Alfieri. Para ele a Poesia era um vaticínio e o Poeta só podia ser um profeta, um educador, um pioneiro do futuro dos povos. A grandeza e a genialidade de Alfieri não

DIÁRIO de Mocambique. A melhor informação de Mocambique. VENDA EM LISBOA NO PASSO DO ROSSIO, 1. NA BRASILEIRA DO CHADO, 1. NO PORTO NA LIVRARIA NELLE. delegação: r. Rodrigues Lampaio 21.4-D - Tel. 734.91

SICAL. O CAFÉ DE MAIOR CONSUMO EM PORTUGAL. EXPEDIÇÕES PARA TODA A PARTE. PORTO - LISBOA

DINHEIRO EMPRESTAMOS. TRANSAÇÕES EFECTUADAS EM 24 HORAS. AMORTIZAÇÕES FACULTATIVAS. A CONFIDENTE. A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS. PORTO: R. PASSOS MANUEL, 14-11 TEL. 20344/5/6 P.P.C.A. LISBOA: ROSSIO, 3.º 21.º TEL. 369364 P.P.C.

Superius. O melhor calçado para crianças. O PRIMEIRO EM QUALIDADE.